

Lida cotidiana: imaginação política do cuidado às margens do ribeirão da Onça (Belo Horizonte/MG)

Elisa Porto Marques¹

Resumo: Em minha pesquisa de doutorado em andamento busco caracterizar uma “imaginação política do cuidado” como contranarrativa à ideologia moderna da Natureza e seus efeitos sobre as relações cotidianas com as águas urbanas. Tomo como ponto de partida para este texto meu encontro com Elenilza Brito, que na década de 1990 migrou do interior da Bahia para Belo Horizonte/MG, onde construiu sua casa à beira do ribeirão da Onça, na periferia nordeste da cidade. O Onça e seus afluentes estão entre os últimos cursos d’água a céu aberto da cidade, mas, em um senso comum e um modo de vida próprios da ética capitalista da dominação, são reduzidos a ideias de insalubridade, tragédia e violência. Contrariando essa visão fragmentada, Elenilza, desde sua aposentadoria em 2018, aprofundou seu envolvimento na militância pela recuperação do rio e passou a se dedicar ao cultivo de uma horta aos pés da cachoeira da Onça (uma queda d’água com mais de 30 metros de altura, incrustada em meio à malha urbana). Neste contexto de relações imbricadas ao ribeirão da Onça e suas margens, articulo temáticas do campo dos estudos urbanos como trabalho, moradia e política socioambiental, com enfoque nos afetos de cuidado – e da falta dele. Abordo as lidas cotidianas de Elenilza e suas companhias diversas, buscando extrapolar um *saber sobre* as águas e caracterizar um *saber com* as águas. A epistemologia do cuidado de Maria Puig de la Bellacasa é tomada como base conceitual de partida do trabalho.

Palavras-chave: águas urbanas; cuidado; imaginação política; vida cotidiana

Introdução

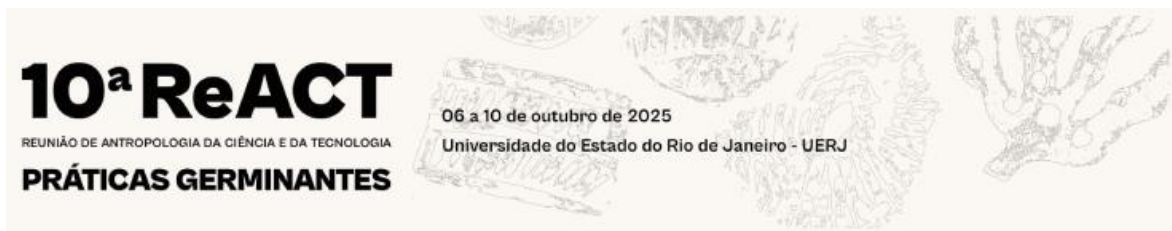
Margem: solo fértil

A gestão urbana brasileira lida com as águas das cidades como elemento indesejado ou temido: insalubre, obstáculo, resíduo. O esforço dessa urbanização funcionalista é o de sistematicamente tornar os rios invisíveis, o que significa ocultá-los tanto do horizonte atual,

¹ Integrante do grupo de pesquisa Cosmópolis – Núcleo de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG – limarques@gmail.com

na paisagem, quanto do virtual, na imaginação. Na paisagem, quando não estão canalizadas e recobertas pelas pistas de automóveis, as águas com que a população tem contato estão, em sua maioria, adoecidas, contaminadas e cheias de lixo. Na imaginação, o terreno também é árido. Desde uma perspectiva hegemônica “ocidental(izada)” (Lopes de Souza, 2019), é difícil acreditarmos que os rios possam existir com saúde em uma cidade, ou mesmo desejarmos o cultivo de relações cotidianas com eles, seja de prazer, jogo, esporte, ou para matar a sede, fazer a limpeza da casa, se banhar. E o que resta no horizonte de possibilidades? Onde estão hoje, nas cidades, nossos repertórios de experiências com as águas, com as espacialidades e temporalidades que elas criam e permeiam? Nas lembranças de pessoas que viveram os tempos em que a cidade era “roça” ou mesmo nos resquícios dessa ruralidade; nos documentos dos arquivos e em álbuns fotográficos amarelados; nas práticas consideradas anacrônicas, atrasadas, românticas, ínfimas; nas periferias, onde, por efeito de uma urbanização incompleta (sistemática), persistem as margens de rios e a vida junto delas. Na periferia global do capitalismo, nas margens das cidades, nas beiras d’água, talvez possamos encontrar a potência de uma “visada marginal” (hooks, 2019); entender as periferias como um solo mais permeável, literal e simbolicamente, a outras práticas e saberes, que vêm nutrindo e sendo nutridos por outras éticas, em contraposição à devastação pela ética da dominação (Marques, 2022).





Figuras 01 e 02: Nascente da Felicidade e Córrego do Tamboril, bairro Jardim Felicidade, bacia do Ribeirão da Onça. 2022. **Fonte:** acervo da autora.

Foi nesse movimento em direção às margens como terreno criativo, que me juntei a outros pesquisadores urbanistas da UFMG, para desenvolvimento do projeto *Lembra: isto é rio* (Marques *et al*, 2024)². Informalmente e de acordo com nossas militâncias e pesquisas particulares desde 2016 e de maneira institucionalizada enquanto projeto de extensão a partir de 2023, viemos construindo laços e parcerias com comunidades ribeirinhas urbanas na Região Metropolitana de Belo Horizonte, especialmente na bacia do ribeirão da Onça. Nossas ações conjuntas realizadas até hoje envolvem: desenvolvimento de projetos técnicos, participação em diálogos com o poder público e em instâncias de gestão das águas (como os comitês de bacia hidrográfica), envolvimento de alunos da graduação em arquitetura em dinâmicas de mutirões comunitários, desenvolvimento de materiais e atividades pedagógicas junto com escolas de ensino fundamental, produção de vídeos, fotografias e exposições, mapeamentos, visitas, expedições, cicloexpedições, ações culturais e festivas.

A bacia do ribeirão da Onça abrange um universo amplo e muito diverso, ao atravessar parte dos territórios dos municípios de Contagem e Belo Horizonte, com uma área total de aproximadamente 200 km². Apesar das águas da bacia serem, da cabeceira à foz, altamente poluídas por esgotos, industriais e domésticos, e de suas margens encontrarem-se em boa parte impermeabilizadas, desmatadas ou erodidas, cerca de 70% da extensão de seus cursos d'água está em “leito natural”. Esta realidade contrasta com o centro de Belo Horizonte, onde, na área planejada, 100% dos córregos da bacia do Arrudas estão canalizados e a maior parte tamponados (Belo Horizonte, 2022).

“Leito natural” é a expressão geralmente utilizada para caracterizar o rio cujo solo não está impermeabilizado. Vou preferir adotar aqui o termo “leito livre”, pois não vejo sentido em caracterizar alguma “naturalidade” do rio, no sentido de um aspecto “original” ou “primevo”. Vejo no entanto uma relação pertinente desse aspecto, que a princípio é

² www.lembraistoerio.org

morfológico, com a ideia de um potencial de sobrevivência ou de “regeneração” de um curso d’água urbano e de toda uma região ao seu redor. Sem o desnível característico dos paredões de concreto e a retificação dos canais, e portanto também sem o trânsito adjacente de veículos em alta velocidade que essas intervenções propiciam, os rios que têm os leitos livres encontram-se muito mais integrados às vidas cotidianas dos bairros, do que as águas confinadas nas caixas de concreto. Além disso, com leitos e margens livres, as trocas entre terra e água produzem ambientes singulares, que então envolvem superfície, subterrâneo e atmosfera, rochas e seres microscópicos, plantas, animais e seres humanos. Importante ressaltar que uma maior troca entre o rio e ambiente e seres ao redor não implica em uma relação sempre positiva ou em harmonia. Uma maior comunicação com o rio também se faz perceber justamente nos episódios que atualmente caracterizam uma precariedade de condições da vida humana nesses locais, como os alagamentos e a disseminação de vetores de doenças.

Tais observações propiciam um diálogo com a epistemologia do cuidado de Maria Puig de la Bellacasa (2017). Ela caracteriza as relações de cuidado como uma “rede entrosada mais-que-humana”, que atravessa a bifurcação natureza/cultura e questiona o princípio da excepcionalidade humana sob demais seres e entidades, ampliando as possibilidades tanto de alianças, como de “aliados”. Nesse sentido, nos interessa menos a ideia de um cuidado *do* rio, onde este seria apenas um objeto do cuidado, sem agência. Toda a circunstância ganha muito mais espessura, se pensarmos em um âmbito de cuidados *com* o rio, num envolvimento mútuo em que os diversos entes presentes são *tocados*. E é justamente no tato que Bellacasa coloca ênfase enquanto um sentido preponderante no cuidado, pressupondo a reciprocidade, uma vez que aquele que toca também é tocado. A relação cuidadosa e, por extensão, um conhecimento “cuidadoso”, “tátil”, seria então um “conhecimento íntimo”, que problematiza as distâncias e posições fixas entre sujeito e objeto, entre conhecimento e mundo, ciência e política. Considerando essa dimensão relacional, Bellacasa propõe uma recuperação do cuidado, para livrá-lo das tendências de redução de suas “asperezas”, seja por sua idealização ou desvalorização (Bellacasa, 2017: 11). A partir de seu aprendizado com a tradição crítica

feminista, Bellacasa ressalta a sustentação de “solidariedades entre posições divergentes” como forma de manter as “ambivalências do cuidado”, e ainda o ancoramento em condições materiais específicas, que devem atribuir relevância e significados situados ao cuidado.

A região do baixo curso do ribeirão da Onça, ou apenas “baixo Onça”, como é popularmente conhecida, tem sido foco de nossas pesquisas e ações nos últimos anos. Este é o trecho “final” da bacia, quando o ribeirão está se aproximando de sua foz no Rio das Velhas. O marco inicial desta região é dado por uma situação geológica com implicações bastante significativas, ambientais e também políticas: uma queda d’água de 30 metros de altura. Depois de um longo trecho confinadas em um canal de concreto, as águas se espriam com velocidade sobre o leito de terra e pedras, para poucos metros depois demonstrarem força explosiva na cachoeira da Onça.



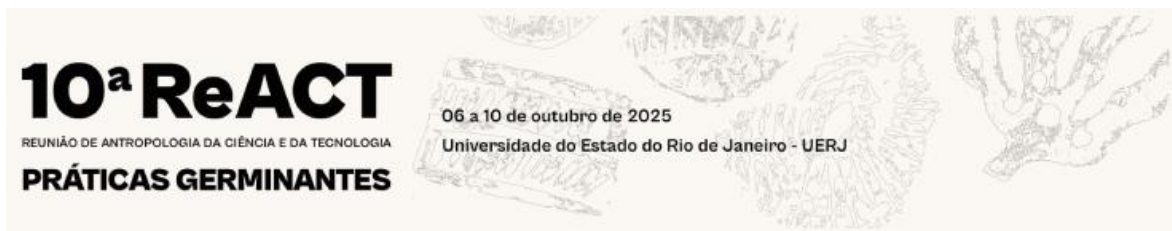
Figuras 03 e 04: à esquerda, trecho final da canalização do ribeirão da Onça; à direita, a cachoeira da Onça – marcos do início da região conhecida como “baixo Onça”. 2023. **Fonte:** Fotografias de André Carvalho, acervo Lembra: isto é rio.

Da cachoeira em diante, o ribeirão perdura, em toda a sua extensão, em leito e margens livres. Especulo que o acidente geográfico, o grande desnível, tenha sido um relevante obstáculo à continuidade da canalização e, por dificuldades técnicas, por escassez de recursos ou de interesse político, pode ter poupado todo esse trecho da bacia dessa “camada urbanizadora”.



Figuras 05 e 06: Horta Familiar do Novo Aarão Reis, aos pés da cachoeira da Onça, e Elenilza Brito, com o canteiro de tomates. 2023. **Fonte:** fotografias de André Carvalho, acervo Lembra: isto é rio.

Aos pés da cachoeira vem sendo cultivada nos últimos anos a Horta Familiar do bairro Novo Aarão Reis, que tem como principal cuidadora Elenilza Brito, moradora do bairro desde sua fundação, no início dos anos 1990. A horta se constituiu em 2018, por proposta feita pela Urbel (Companhia Urbanizadora e de Habitação da prefeitura de Belo Horizonte) a Elenilza e seu companheiro, e a outras duas famílias, depois da desapropriação e demolição de um conjunto de casas que ficavam neste terreno às margens do rio, e eram afetadas pelas inundações. Hoje Elenilza está à frente da gestão da horta, que tem garantido boa parte da subsistência dessas famílias e, ainda propicia algum complemento em suas rendas, com vendas no local e participação esporádica em feiras. Para Elenilza, a lida com a horta significa, principalmente, uma oportunidade de vida saudável – em suas palavras, uma “farmácia viva”. Além das atividades de cultivo, o local se tornou um espaço de dinâmicas comunitárias. Nos últimos anos, no desenvolvimento das parcerias com a Urbel, com o nosso grupo da UFMG, e outras colaborações, a estrutura do espaço foi se aprimorando, com sistemas de irrigação, cercas, canteiros, calçada, iluminação, mobiliário, lixeiras, parquinho e um “pergolado” – um galpãozinho aberto, que propicia a realização de reuniões e oficinas. São também parceiros a escola de ensino fundamental do bairro, que envia os alunos para atividades ao ar livre, e o posto de saúde, que não só oferece ali atividades formativas, mas



também envia pacientes em busca de plantas medicinais ou “prescreve” o envolvimento com a horta como uma forma de terapia.

Elenilza e eu nos conhecemos em 2023, no contexto do projeto de extensão, e convivemos com regularidade ao longo de um ano. Recentemente propus a ela a realização de novos encontros, para conversas mais demoradas, em formato de entrevistas semiestruturadas, com interesse de que, cada vez mais, se torne uma dinâmica de reflexão conjunta. Estamos no início dessa vivência mais aproximada e compartilho aqui um estagio também inicial de uma experimentação textual que correlacione as pensadoras com quem me encontro nas margens das águas e nas margens das páginas, para tessitura (transposição para o formato textual) desse conhecimento tátil, íntimo, cuidadoso.

Em nossas primeiras conversas já realizadas ouvi Elenilza contar os passos que a trouxeram até essa beira de rio, as novas possibilidades de vida plantadas (e já sendo colhidas) neste terreno, e os horizontes de recuperação da vida que ela vislumbra, em contraposição à perspectiva mortífera que é dada aos corpos (também d’água) na cidade. Ao começar a narrar sua história de vida, seu universo íntimo aflora, o que me fez pensar em uma nascente que brota de um aquífero subterrâneo, vertendo do interior para a superfície, quando remexemos um pouco as pedras e a terra que o recobrem. Ela me revela uma vida inteira dedicada ao cuidado, como forma de sobreviver a uma sobreposição de violências diversas (mas sempre intensas e continuadas). O cultivo da terra trouxe finalmente a Elenilza a possibilidade do cultivo de si, do seu corpo e de seu espírito, de maneira profunda, existencial. Ela evoca ideias como a de uma cura do seu corpo pelo compartilhamento com os corpos de terra, de água, de planta. Essa cura aparece tanto como uma espécie de “justiça de reparação”, quanto pela própria gratidão que ela sente pela terra e seres em envolvimento.

Falamos ainda sobre os desafios das relações comunitárias e de compartilhamento da rotina de trabalho; do plantar para colher; das relações de posse da terra, dos pedaços de terra (os canteiros) e também das próprias plantas; da saturação que sente do espaço da sua casa e sua atração por este local do comum; dessa expansão possível (em realização) de seu âmbito



de influências, da vida doméstica para a vida pública (e as influências de uma sobre a outra), com os envolvimento todos que a lida na horta vem propiciando.

A proposta para a sequência deste texto é portanto a de ouvir a voz de Elenilza e, a partir desse encontro, aprofundar a caracterização de uma “imaginação política do cuidado”. O texto originado desta conversa se organizou em três momentos, passando pelo *corpo*, quando abordo uma noção expandida de corpo e de saúde; pela *lida*, que começo a ensaiar enquanto um conceito, associação entre luta e cuidado; pela *imaginação*, como uma força de propulsão de movimento, de transformação.

* * *

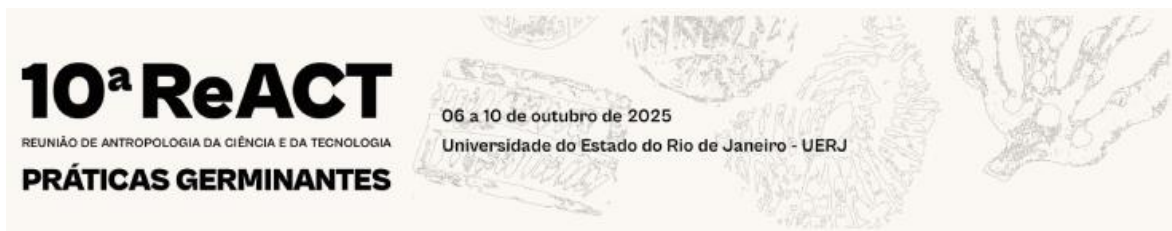
1. A pele da flor

Quando me encontrei com Elenilza para esta conversa, nos sentamos em uma das mesinhas que ficam em frente à horta – de concreto, com um tabuleiro de damas pintado no tampo. Muito rapidamente, ela deu um tom íntimo à nossa troca. Foi abrindo-me com muita tranquilidade e franqueza seus relatos pessoais, seus sentimentos, tanto as alegrias como as feridas. “*Tem coisas que a gente retém*” – ela me disse – “*porque algumas recordações traz sofrimento. Mas, de um tempo pra cá, eu comecei a perceber que a gente ficar retendo muita coisa, muita dor, não faz bem pra gente. E eu comecei a trabalhar isso em mim. De abrir mais o meu coração, de não ver as coisas assim como uma coisa só minha, um segredo só meu. Entendeu?*”. Eu entendi que Elenilza está em busca de se curar pelo envolvimento, extravasar aquilo que sempre esteve à flor da pele. Me lembrei de quando bell hooks fala que, para algumas pessoas, a sinceridade não é sobre escolher compartilhar ou não alguma coisa, mas sobre “sobreviver, chegar até o fim, ficar viva (...) é sobre como estar bem, e falar a verdade é sobre como pôr os cacos partidos do coração no lugar mais uma vez” (hooks, 2019: 25). Me lembrei também da planta “coração magoado”, sobre a qual ouvi uma vez que, para que suas mudas “peguem”, enraizem em um novo jardim, elas devem ter sido presenteadas, não se deve comprá-las ou recolhê-las de algum lugar por iniciativa própria. Perecebi que Elenilza está, muito generosamente, oferecendo um coração magoado, para a cura coletiva – a mim, à horta, ao planeta, a todo solo fértil ao seu enraizamento.

Em “erguer a voz”, bell hooks concentra-se em pensar sobre a potência da coragem da fala (e da escrita) perante a opressão (em suas várias faces). Para ela, a conquista da narrativa é uma prática de “autorrecuperação”, um cuidado de si – que nunca está apartado do cuidado dos outros (hooks, 2019). A autorrecuperação de Elenilza passa por esse compartilhamento, que parece se dar em um âmbito expandido, como vejo na sua compreensão de complementariedade entre os seres no mundo: *“É um complemento, um ajuda o outro; a água ajuda as plantas, as plantas ajudam o rio. É cada um fazendo o seu papel aqui nesse mundo. (...) algumas frutas, algumas plantas bonitas, podem alegrar o coração da gente. Alegro o meu coração quando eu chego aqui. Para mim falar, ser sincera com você, isso aqui [a horta] para mim foi uma cura”*.

O que Elenilza expressa ter alcançado na lida com a horta, ela parece ter buscado em toda sua travessia de vida.

Elenilza nasceu em 1967, em Eunápolis, no interior da Bahia, onde passou sua infância e primeira parte da juventude. Ela conta que se casou aos 16 anos, em grande parte pelo desejo de se livrar de uma infância muito difícil com a sua família. Era a filha mais velha e desde cedo cuidava de seus irmãos, junto com sua avó. *“Minha mãe corria atrás do pão de cada dia. Era barraca de comida que ela colocava, ela costurava, passava, lavava pros outros”*. Quando tinha 10 anos, seus pais se separaram e o pesado estatuto de “mulher solteira” que atribuíram à sua mãe recaiu também sobre ela. *“Eu era uma pessoa tão fechada, tão travada, porque eu não tinha amizade. As vizinhas não deixavam as filhas brincarem comigo, porque eu era filha de mulher solteira”*. Ela imaginara que o casamento poderia melhorar sua condição, com sua “elevação” a “mulher casada”. Mas nos anos que se seguiram, Elenilza engravidou cinco vezes em sequência e sua mãe faleceu, após uma cirurgia de apêndice. Aos 23 anos, ela se viu cuidando de 10 crianças (cinco irmãos e cinco filhos), de seus avós e de seu marido. *“Eu arriei”*. Além de uma depressão profunda, Elenilza passou a sentir fortes dores, no abdômen e nas pernas. Era junho de 1991, quando ela teve uma oportunidade de tentar o tratamento em Belo Horizonte – caso fosse necessário fazer uma cirurgia, ela não queria que fosse no mesmo hospital em que a mãe morrera. Deixou as



crianças “*todas espalhadas*”, com pessoas que pudessem cuidar delas na sua ausência, e seguiu viagem sozinha. Com muita espera, em filas de madrugada, conseguiu tratar vários cistos no útero e ovários, fazer cirurgias de varizes e iniciar um cuidado da depressão – questões ligadas ao desgaste pelas gestações e partos e ao intenso e ininterrupto esforço no cuidado de toda a sua família.

O relato de Elenilza atravessa diversas camadas reconhecidas dentre as violências do sistema patriarcal, ou da “violência de gênero”, como irá nomear Rita Segato (2025). Silvia Federici em “Calibã em a Bruxa” (2004) recupera as bases históricas do desenvolvimento capitalista em que reconhece um duplo processo de mecanização do corpo das mulheres, submetidos ao trabalho (seja ele remunerado ou não, fora e dentro de casa) e ainda à função sexual e reprodutiva. Mais tarde, em “Além da Pele” (2023), Federici também aborda o poder da Medicina em sua longa e duradoura colaboração com o Capital e o Estado, na organização e disciplinamento dos corpos e na negação da autonomia sobre nossa própria realidade corporal. Nesse sentido, Federici reconhece o corpo como “a esfinge a ser interrogada e sobre a qual há de se atuar no caminho da mudança social e individual” (2023:19-22). De maneira muito semelhante ao que propõe Elenilza, Federici entende que ir “além da pele” significa encontrar “uma continuidade mágica com os outros organismos vivos que povoam a Terra: os corpos dos humanos e dos não humanos, as árvores, os rios, o mar, as estrelas. É a imagem de um corpo que reúne o que o capitalismo dividiu, um corpo [...] que se move em harmonia com o cosmos, em um mundo no qual a diversidade é uma riqueza para todos e um terreno de comunhão (2023:16).

Na companhia de colaboradoras do posto de saúde do bairro Novo Aarão Reis, como parte do conselho regional de saúde, e ainda em seu envolvimento com coletivos agroecológicos, Elenilza entende e nomeia a sua horta como uma “farmácia viva”. Ela fala de uma concepção de saúde que é ampla, envolve o ambiente, o corpo, a mente, o espírito. Um ribeirão limpo, sem esgoto ou lixo, e livre para transbordar em suas margens, em épocas de chuvas, banhando as plantações, as várzeas, as praias, é condição de partida para essa realidade e por isso ela se engaja nessa luta.

Enquanto conversávamos, Elenilza me chamou para uma volta pela horta, fomos vendo os diferentes canteiros e suas estratégias de manejo, como o uso de estruturas elevadas, para poupar as suas costas, e outras suspensas, nas áreas alagáveis, para evitar a contaminação pelas águas do rio. Nessa caminhada ela me contou que quando começou a plantar ali lembrou-se da infância, de quando aprendeu com seus avós e com seu pai, o cultivo da terra: *“Meu avô tinha um sítiozinho pequenininho e eu sempre ia para lá e eu admirava eles cuidando das coisas. Eu tenho essa memória de que o que você planta, você colhe, né? Assim que eles falavam, tudo que você planta, você colhe. Se é de bom, se é de ruim. (...) E aí, quando eu cuido daquilo ali, eu sinto que eu estou fazendo um bem para mim também. E se eu cuido da natureza, eu vou usufruir dela, mas também as outras pessoas. (...) Então isso para mim me traz muita satisfação, sabe? De ter esse cuidado com as margens do rio, porque isso vai trazer essa transformação para as águas. Eu tenho certeza que com as margens do rio reflorestadas, ele vai ter como expandir, correr mais no seu espaço. A água vai ser purificada e também as plantas vão ser hidratadas com a água. Então é um ajudando o outro, como eu te falei”*.

As antropólogas, Joana de Oliveira e Fabiana Maizza (2022: 9), se referindo aos cultivos entre as mulheres indígenas Wajãpi, grupo Tupi que habita a região das Guianas, contam que “seus roçados são verdadeiras coleções, em que as plantas narram histórias e materializam relações de parentesco”. Ainda no passeio pelos canteiros, Elenilza me diz que faz questão de manter algumas espécies, pelo cultivo à memória dos seus avós e dos saberes aprendidos com eles. *“Cebolinha, coentro. Porque a gente usava muito, eram os temperos que a gente usava. Era o que tinha no quintal. O tomate, a couve, é o que a gente comia. E, em caso de medicinal, é uma cidreira. Capim-cidreira, alecrim, erva-doce. São coisas que existiam na minha casa. O mastruz, no tempo nosso de criança, minha avó tratava a gente, quando ela percebia que a gente estava com verme, era com mastruz. Ela tirava, socava aquilo ali, dava para o bebê. Então existe muitos remédios que eu tenho aqui que é recordação dela, sabe? Se faltava alguma coisa em casa, ela ia lá no quintal e pegava e fazia um mexido e a gente comia. Então, essas plantas, eu mantenho. Essa roxinha aqui, a gente chama na Bahia de*

língua-de-vaca, mas aqui chama almeirão roxo. Fazia um refogadinho, a gente comia. O caruru, a gente comia. Tem aquela que eu conheço lá como maria gondó. Ela é uma delícia, mas é difícil, eu não consegui muda pra ela, ou semente, eu ainda estou correndo atrás. São plantas que a gente tinha sempre no quintal. Eram mais essas folhas, que ela fazia questão de ter, por serem mais práticas pra cuidar. E de se alimentar, também”.

Cabral de Oliveira e Maizza (2022) também recorrem a Bellacasa (2017) para pensar sobre a recuperação do cuidado contra sua simplificação, mantendo suas asperezas e ambivalências, garantindo suas expressões nas dimensões de trabalho, de afeto e política. Elas destacam que, nos contextos etnográficos das roças Jarawara e Wajãpi, não se pode descrever “as relações entre mulheres e seus cultivares nem com um excesso de peso materialista, usando unicamente termos como “trabalho”, “formas de subsistência” ou “controle da natureza”, nem com um excesso simbolista, como se a única face verdadeira das relações fossem seus significados cosmológicos” (2022: 13). Elenilza demonstra esse trânsito entre motivações e afetos em sua atividade na horta. Além da subsistência, ou da finalidade ecológica mais ampla já mencionada, ela com recorrência se refere a uma conexão com deus por meio da “natureza”, a uma benção ou benefício espiritual que o contato com a terra lhe transfere. Sobre um âmbito de relações de escala mais íntima e sutil, entre ela e as próprias plantas, ela conta: “*eu sinto um carinho muito grande, sabe? Por elas, pela natureza, pelas plantas, pela água, pelos rios. Eu converso com ela, você acredita? ‘Ah, eu cuido de você, eu quero ver você bonita’.* Às vezes de repente ela fica feinha, assim, tristonha, e eu começo: ‘*vou pôr um pouquinho de água aqui para você ficar bem feliz*’, eu converso com ela. E aí volto no outro dia, e não é que ela está feliz? Mais bonita, com as folhas mais verdes? *Me dá uma satisfação, uma alegria muito grande, ver esse cuidado que eu posso dar a ela. Eu me sinto, assim, gratificada. Sinto que elas devolvem para mim aquele carinho que eu dei para elas*”.

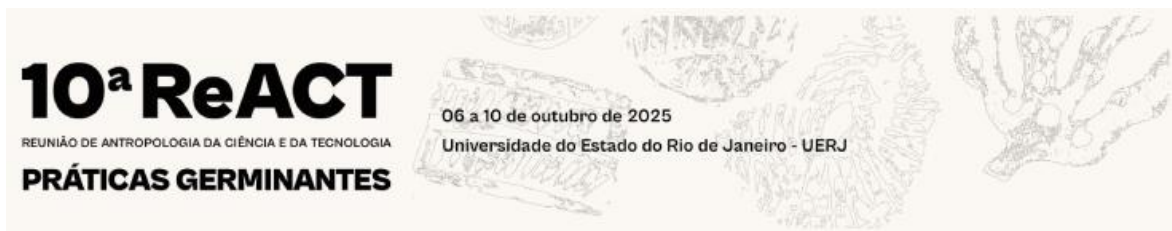
2. Lidas com o ribeirão da Onça



Figura 07: Barracos de lona no acampamento que veio a constituir o bairro Novo Aarão Reis, no início do anos 1990. Sem data. **Fonte:** Acervo da Escola Municipal Herbert José de Souza.

As trajetórias pessoais e familiares – suas grandes batalhas e obstáculos, mas também a mais ordinária sobrevivência cotidiana – se misturam com as lutas comunitárias no território. Uma vez em Belo Horizonte, e após alguma estabilização de seu estado de saúde, Elenilza recebeu seu marido e seus filhos, que vieram da Bahia. Meses depois, a família se juntou ao acampamento do movimento por moradia que veio a constituir o bairro onde hoje moram, o Novo Aarão Reis. Por dois anos eles viveram em um barraco de lona, de nove metros quadrados, à espera do parcelamento de um terreno pela Prefeitura e da distribuição dos lotes aos integrantes do movimento. O terreno onde hoje é o bairro fica às margens do ribeirão da Onça.

É também no sentido polivalente do cuidado (trabalho, afeto, política), e ainda guiada pela trajetória de Elenilza, que proponho aprofundar a noção de *lida* como uma junção entre as práticas do *cuidado* e da *luta*. Se por um lado, é uma forma de comunicar em uma só expressão o entendimento do cuidado como luta, e da luta como cuidado, por outro trata-se de ressaltar as correlações e influências entre uma e outra: as práticas cotidianas pela sobrevivência e os movimentos políticos pela vida urbana digna (a garantia do direito a moradia, saneamento, saúde, mobilidade, educação, lazer, etc). Ao mesmo tempo, além de promover essa extensão entre privado e público, entendo aqui a *lida* como prática que atravessa essas esferas com um caráter “cosmopolítico” (Stengers, 2005 *apud* Bellacasa,



2017)³ envolvendo a solidariedade em um âmbito “mais-que-humano” (De la Cadena, 2010 *apud* Bellacasa, 2017)⁴.

Henri Lefebvre, em sua obra “Crítica da Vida Cotidiana” (2014) propõe a abertura da esfera pública sobre a privada, de forma a atribuir, a esta última, sentido político. Também é possível extrair de sua reflexão, como propõe Shields (2025), o caminho inverso, de influência do privado sobre o público, conferindo-lhe características de intimidade, criatividade e improviso, como qualidades importantes para o desvio contra a “colonização” pelo capital. “O lar como um espaço liminar, ambíguo e até mesmo insurgente é um elemento que o distingue das normas da vida pública. Ele sustenta uma ética espacial de baixo para cima que pode extrapolar a criação dos filhos, o cuidado com os idosos, o apoio aos vizinhos e a ecologia política local (como de hortas comunitárias, por exemplo) enquanto visões coletivas e, daí, para a cidade – como a atualização de um coletivo vivo” (Shields, 2025: 235-236 – tradução própria).

Ainda com Lefebvre (2019), podemos denunciar uma negligência ou um “esmagamento do erótico” face ao racional, na sociedade capitalista: “Embora seja verdade que durante a época industrial o ‘princípio de realidade’ tenha esmagado o ‘princípio do prazer’, não é chegado o momento da sua desforra? (...) O amor, conjugal ou não, não busca a intimidade?” (2019: 101). Relaciono essa extensão da potência da intimidade e dos afetos, ou do amor, no sentido de desejo, como uma força criativa própria do cuidado. Nesse sentido, e considerando a “manutenção das asperezas do cuidado” proposta por Bellacasa, vejo relevância em abordar a crítica e o movimento feministas que lutam pelo reconhecimento e a valorização do trabalho de reprodução social. Ao bordão “não é amor, é trabalho não pago”, podemos propor um acréscimo, que faça como a curva de uma espiral e reconheça: “não é amor, é trabalho... *é também* amor”.

³ Stengers, Isabelle. “The Cosmopolitical Proposal.” In *Making Things Public: Atmospheres of Democracy*. Edited by Bruno Latour and Peter Weibel, 994–1003. Cambridge Mass.: MIT Press, 2005.

⁴ de la Cadena, Marisol. “Indigenous Cosmopolitics in the Andes: Conceptual Reflections beyond ‘Politics.’” *Cultural Anthropology* 25, no. 2: 334–70. 2010.

O trabalho atravessa toda a narrativa de Elenilza. “*Serviço, bico, demanda, compromisso, fardo, encomenda, produção, trabalho fichado, cultivo, cuidado*”, são as expressões que ela utiliza para qualificar as suas diversas atividades.

Quando construiu com seu filho mais velho a barraca de lona onde viriam a morar, atravessaram o ribeirão da Onça, com água até o joelho, carregando um feixe pesado de bambus, que usaram para fazer a estrutura. Montaram um barracão de três metros por três e lá dentro viveram com poucos móveis e utensílios, o fogão e o botijão de gás. Uma das crianças dormia no carrinho de mão, uma outra em cima de uma mesinha, ela e o marido dividiam a única cama, de solteiro. Dentre os poucos itens que trouxe da Bahia, estava sua máquina de costura.

Elenilza aprendeu a costurar com a sua mãe, ainda criança, e este foi o seu ofício pela vida toda, até se aposentar. Quando tinha 12 anos, teve que aprender a costurar camisas literalmente de uma noite para o dia. Sua mãe havia assumido uma encomenda de “um fardo de camisas”, para fornecer a uma confecção. Mas ela estava grávida e acabou dando à luz antes de completar o serviço e não pode mais continuar a costura. Ao mesmo tempo, não podia renunciar àquele trabalho, pois dependia do pagamento para as despesas do mês. “*Ela ficou desesperada, ‘como é que eu vou fazer?’ [...] Aí eu falei, ‘Mãe, fique tranquila. Você vai me explicando como que é que faz e eu vou costurando’.* E ela disse, ‘*Então você senta na máquina, pega um retalho de pano e pedala bastante*’”.

Já em Belo Horizonte, trabalhou também em confecções de roupas, depois em fábricas de sofá. Ainda hoje tem um ateliê de costura em sua casa, mas não guarda mais tanto interesse pela atividade, principalmente por não conseguir ficar sentada à máquina por muito tempo. Ela sente dores nas costas, pelos anos de trabalho repetitivo e com postura inadequada: “*No trabalho, era muito pesado, porque você tem que dar conta da produção, né? Então se a cadeira não tá boa, você tem que se sentar do mesmo jeito*”.

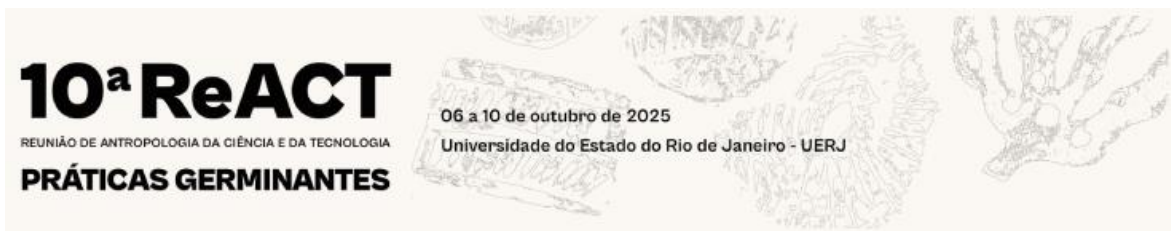
Ainda sobre o período “na lona”, quando estavam no acampamento coletivo, Elenilza lembra dos enormes desafios para garantia das necessidades mais básicas como água e

esgoto. Estratégias coletivas eram colocadas em ação, como a organização de chafarizes, abastecidos por caminhões-pipa (muitas vezes doados por apoiadores). Grande parte das tarefas domésticas, como a lavagem de roupas e louças, eram realizadas nestes locais, ao livre, frequentados principalmente por mulheres e crianças. Apesar de haver cooperação e solidariedade entre vizinhas, Elenilza conta que a grande necessidade e pouca oferta dos recursos também tornava a convivência bastante hostil e muitas vezes permeada por extrema violência. As mulheres faziam filas nos chafarizes, e, como demorava muito tempo, deixavam suas latas marcando a posição. *“Ficavam as latas, tudo enfileiradas, e, muitas vezes, como tinham seus afazeres em casa, as mulheres iam ajeitar alguma coisa, olhar um filho, olhar comida. A lata ficava lá guardando o lugar dela”. Se alguém passasse na frente, arrumava briga. Muitas vezes saía até faca nas brigas das mulheres. Como eu sou uma mulher de não gostar de briga, eu pegava e ia à noite. Enchia minhas vasilhas tudo à noite, depois que todo mundo já se acalmou”. Como ela trabalhava “fichada” como costureira na fábrica de sofás, a tarefa da água e a comida ela fazia à noite e nos finais de semana lavava roupas e cuidava das demais tarefas de casa.*



Figuras 08 e 09: Chafarizes coletivos no acampamento que veio a constituir o bairro Novo Aarão Reis, no início dos anos 1990. Sem data. **Fonte:** Acervo da Escola Municipal Herbert José de Souza.

Depois que conseguiu o seu lote, a construção de sua casa também se deu pouco a pouco, aos finais de semana. *Você acredita que eu puxei pedra desse rio para fazer a minha casa? Nos fins de semana, nos dias de folga, a gente pegava o carrinho de mão, os meninos ia catando e eu ia empurrando, pra poder fazer o alicerce. Não era só eu, muitas outras pessoas, que também estavam construindo, iam lá e pegavam. E então eu devo a esse lugar, tudo isso. Então agora chegou o meu momento de retribuir, sabe? Por estar aqui, por ter conseguido esse espaço pra morar, ter tirado muitas pedras do rio, das margens do rio. Aí então é gratidão, por tudo isso.*



Esse sentido de gratidão que Elenilza elabora faz parte da via de autorrecuperação mencionada anteriormente. Outro aspecto ainda proporcionado pela relação com a horta nesse processo, que é também de autoconhecimento e autonomia, é a possibilidade da solidão. Apesar de Elenilza ter a colaboração de seu marido em demandas pontuais e atualmente dividir o espaço com uma outra família, ela passa a maior parte do tempo sozinha. Isso chegou a lhe frustrar inicialmente, quando ela esperava que a atividade tivesse um caráter comunitário. Mas até hoje não houve engajamento efetivo mais amplo. *A 'comunitária' não deu certo. Porque as pessoas chegam aqui e falam assim, 'Ô dona, o que é que a gente pode pegar?'. É comunitária, só na parte de colher. Aí nós pedimos pra mudar o nome, para 'horta familiar'.* Hoje Elenilza entende que essa evolução pode acontecer gradualmente, e, enquanto isso está satisfeita com sua rotina. *No mais, é eu. E eu fico bem sozinha.* Entendo que poder estar sozinha, a essa altura, em sua vida, é uma forma de compensação. Por aquela fuga que ela buscou um dia, ao se casar para escapar da sua família, e na qual ela chegou a pensar novamente quando veio se tratar em Belo Horizonte. É uma fuga para estar só, mas também para poder se abrir para outros envolvimento profundos, para além do doméstico. A lida com as plantas vem abrindo a possibilidade de traslado de um mundo encerrado na casa, para as complexidades da vida comunitária. Elenilza vem se tornando uma pessoa proeminente na representação do bairro, da bacia e até da regional (Belo Horizonte tem a sua gestão administrativa dividida em 9 regionais; o bairro Novo Aarão Reis e a região do baixo-Onça se encontram na regional Norte). Seu “plantar” tem sido, portanto, canal de conexão com mundos interiores e exteriores, de introspecção e de projeção.

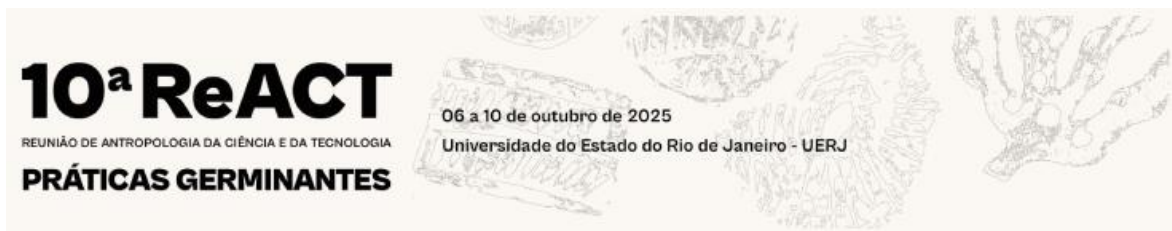
3. Imaginação – Energia potencial

A minha irmã fala assim que você tem que sonhar além de você; além daquilo que você imagina. Porque eu acho que os limites da vida muitas vezes fazem você sonhar pouco. Você fica sem perspectivas, começa a ver o mundo muito pequeno e aí você sonha pequeno.

Elenilza me contou o sonho que ela teve com o terreno onde ela acabou construindo a sua casa. Foi uma visão, uma conversa com deus, em um momento de desespero. Ela ainda estava lidando com o tratamento de saúde em Belo Horizonte e seu marido ia chegar da Bahia com seus filhos. Nesse dia ela caminhava a pé pela beira do ribeirão da Onça, voltando de uma consulta médica, estava desorientada. Ela passava por um trecho com muito mato, e tinha uma grande vala, onde corria a enxurrada. Ela sabia que por ali havia uma cachoeira, mas daquele ponto não podia ver, por causa do mato alto. Em um dado momento ela se apoiou em um poste, e pediu: “*Deus, me dá nem que seja um pedacinho de terra pra botar meus filhos pra morar*”. E falei assim, “*pode ser num buraco, pode ser nesse buraco*”. E isso ficou no meu coração.”

Dois anos depois, quando Elenilza já havia esquecido essa história, chegou o momento do sorteio dos lotes para os participantes do acampamento. Quando disseram seu nome, e o número do lote que lhe seria atribuído, duas amigas que a acompanhavam a ajudaram a procurar no mapa (havia um cartaz com a planta do loteamento). “*As meninas então riram de mim e falaram: “É lá naquele buraco!”*”. Falaram dessa forma. *Aí eu me lembrei na hora. Não morreu em mim aquele sonho e hoje eu fico feliz por estar sendo o melhor lugar do bairro. Olha que lindeza, esse rio.*”





Figuras 10 e 11: Cachoeira e Ribeirão da Onça. Sem data. **Fonte:** Acervo de Ronilda Soares da Silva.

O “buraco” da cachoeira pode ter dado à região do baixo Onça a possibilidade de manter seu leito e suas margens livres, e por isso de ter uma população envolvida nas lidas com o rio, pela sua sobrevivência. Não posso deixar de pensar na “energia potencial” desse acidente geográfico, que se torna força de movimento, de transformação.

Referências Bibliográficas

BELLACASA, María Puig de la. **Matters of care**. Speculative ethics in more than human worlds. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

BELO HORIZONTE. **Plano Municipal de Saneamento de Belo Horizonte – 2020/2023, revisão de 2002**. Prefeitura de Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/obras-e-infraestrutura/informacoes/publicacoes/plano-de-saneamento>

BRITO, Elenilza. **Conversas à beira d’água**. Entrevista concedida a Elisa Porto Marques. Belo Horizonte, 14 e 20 de agosto de 2025.

CABRAL DE OLIVEIRA, Joana; MAIZZA, Fabiana. Narrativas do cuidar: mulheres indígenas e a política feminista do compor com plantas. **MANA** 28(2): 1-33 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017 [2004].

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019 [2012].

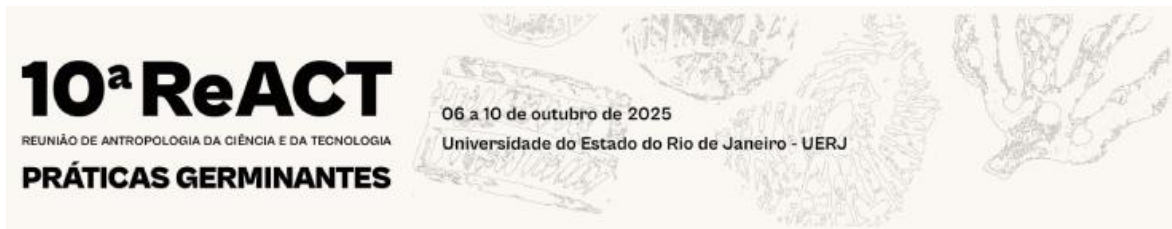
FEDERICI, Silvia. **Além da pele**. Repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo. São Paulo: Elefante, 2023 [2020].

hooks, bell. **Teoria feminista**. Da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019 [1984].

hooks, bell. **Erguer a voz**. Pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019 [2014].

LEFEBVRE, Henri. **Critique of everyday life**. Londres: Verso, 2014 [1947, 1961; 1981].

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019 [1970].



MARQUES, Elisa Porto. **Da miragem à morada**: a ideia de natureza confrontada pela crítica da vida cotidiana. 2022. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/2ef588ff-fe33-4f6e-8c81-3d8d72bab297>. Último acesso: 03/10/2025

MARQUES, Elisa Porto; IZIDORO, Isabela; SIQUEIRA, André (orgs). **Lembra: isto é rio** – Histórias do Ribeirão da Onça. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2024.

SEGATO, Rita. **As estruturas elementares da violência**. Ensaios sobre gênero entre a antropologia, a psicanálise e os direitos humanos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025.

SHIELDS, Rob. **Ambiguity, Household and the Global Intimate in the Work of Henri Lefebvre**. In: ACME: An International Journal for Critical Geographies, 2025, 24(2): 224-241

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e Territórios**. Uma introdução à ecologia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.